

OS GREGOS, OS ROMANOS E OS CELTAS:

Contatos Entre Culturas e a Representação do
Gaulês no *De Bello Gallico* de Júlio César

PRISCILLA ADRIANE FERREIRA DE ALMEIDA*

RESUMO

No Brasil não há uma vasta pesquisa sobre o tema das representações dos gauleses na literatura latina, e é isso que se pretende discutir neste artigo. Sabe-se que os gauleses não deixaram nenhum material escrito e sua cultura e história do tempo do primeiro século a.C. são conhecidas por relatos de terceiros. Desde a Antiguidade esses povos foram algumas vezes retratados como inferiores aos romanos. O termo “bárbaro”, que era um termo grego para designar povos estrangeiros, tornou-se sinônimo de falta de civilização e selvageria. Neste trabalho o foco consiste em estudar algumas passagens das representações dos gauleses feitas pelo autor latino Júlio César, e ver como essas imagens de um povo estrangeiro foram construídas.

Palavras-chave: Gauleses; César; Literatura Latina; Bárbaro.

ABSTRACT

In Brazil there is not a vast research about the theme of Gauls' representations in the Latin Literature and that is what this paper aims to discuss. It is known that the Gauls did not leave any written material and their culture and history from the time of the first century BCE are known today by third-part reports. Since Antiquity these people were sometimes shown as inferior to the Romans. The word 'Barbarian', which was a Greek designation for foreign people, has become a synonym of lack of civilization and savagery. In this paper the focus is the study of some passages of the Gauls' representations made by the Roman author Julius Caesar and to see how these images of the foreign people are constructed.

Keywords: Gauls; Caesar; Latin literature; Barbarian.

* Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários, na linha de concentração em Literaturas Clássicas e Medievais da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: prisadriane@gmail.com.

Introdução

Desde o início mítico da sua história Roma sempre se envolveu em guerras e conquistas, em grande contato com povos estrangeiros. O herói primordial, Eneias, fugiu de Troia e partiu em busca da Itália para ali estabelecer o novo povo romano e a nova pátria. A guerra entre itálicos e troianos se inicia quando o rei Latino oferece a mão da sua filha Lavínia a Eneias, pois a mesma já tinha sido prometida ao príncipe Turno. A guerra entre troianos e rútuos apenas se encerra quando, em um duelo, Eneias vence Turno¹.

No campo historiográfico, já no século V a.C., Roma iniciou a conquista de outros povos italianos, como os étuos, os volscos e os sabinos. Em 390 a.C., Roma (exceto o Capitólio), foi tomada pelos gauleses e obrigada a pagar um pesado tributo para recuperar a cidade². Posteriormente, Roma e Cartago se envolveram em violentas disputas pela hegemonia do mar mediterrâneo, que resultaram nas Guerras Púnicas. A primeira dessas guerras ocorreu entre 264 e 241, a segunda entre 218 e 201, e a terceira entre 149 e 146. Entrementes, Roma entrou em conflito contra a Hispânia de 218 a 206, e no período entre 201 e 175 Roma conseguiu a submissão definitiva da Gália Cisalpina. Novamente temos confrontos entre romanos e gauleses. Entre 105 e 101, o general Mário aniquilou os cimbrós e os teutões em Aix, na Gália (102), e em Vercelas, na Itália (101). Posteriormente, Júlio César conquistou a Gália definitivamente, entre os anos 58 e 51 a.C.³

Tais incursões romanas eram motivadas por vários aspectos: políticos, econômicos e sociais. No plano político, Christian Goudineau resume a vantagem adquirida por Roma ao conquistar a Gália, ao afirmar que a conquista cesariana aumentou em 30% o território do mundo romano (excluída a Itália), e que permitiu novos domínios estratégicos, como o contato com as fronteiras germânicas e britânicas, com consequências sociais e econômicas⁴.

Quanto ao aspecto econômico, Roma passou a ter maior mão de obra escrava para os grandes latifúndios, receita maior com tributos pagos pelos povos vencidos e também maior número de soldados, já que as províncias deveriam fornecer tropas auxiliares. Além disso, Roma aumentou a zona de comércio e circulação de mercadorias em seus territórios, e explorou minas de ouro e prata na Gália Transalpina⁵.

No campo social, Roma, em seus domínios, tornou-se mais versátil em termos culturais. Ao contrário dos gregos, que jamais concederam a cidadania aos povos estrangeiros, em Roma esse processo foi diferente. Após a conquista definitiva da Gália compreendida por César, este território foi romanizado, e as elites locais foram mantidas. Delaplace e France afirmam que as aristocracias locais, com a romanização, receberam o suporte de Roma para reforçar a sua dominação social e Roma, por sua vez, permitiu que essas aristocracias se beneficiassem dos privilégios concedidos com a cidadania romana⁶.

Desta maneira, ao longo do século I a.C. e do século I d.C., temos a conquista de territórios da Europa ocidental, e esses lugares permanecerão, de certa forma, sob influência definitiva da romanização, mesmo após a queda do império romano, com o predomínio das línguas latinas.

1 Trata-se aqui de uma versão bem resumida do enredo da *Eneida* de Virgílio.

2 Tito Lívio narra o episódio no livro V (48 a 51) de *Ab Vrbe Condita*. Joël Schmidt em seu livro narra todos os enfrentamentos entre gauleses e romanos desde o século IV a.C. até o fim do império romano no século V d.C. SCHMIDT, Joël. *Les Gaulois contre les Romains*. Paris: Perrin, 2010.

3 Para todas as datas citadas nesse trecho, e também as datas mencionadas anteriormente, sobre acontecimentos entre 264 e 175 a.C., usamos a cronologia do livro BORNECQUE, H.; MORNET, D. *Roma e os romanos*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, p.6 a 12.

4 GOUDINEAU, Christian. *Regard sur la Gaule*. Paris: Babel, 2007, p.324.

5 *Idem*, p.340.

6 DELAPLACE, Christine; FRANCE, Jérôme. *Histoire des Gaules*. Paris: Armand Colin, 2011, p.53.

Considerações sobre alguns termos fundamentais

Como o termo *bárbaro* é parte importante deste artigo, faz-se necessária a breve apresentação do que significava esse termo para os antigos gregos e romanos. O termo *bárbaro* é de origem grega. Esse étimo, com a repetição de *barbar*, seria uma onomatopeia que designaria quem tem dificuldade de elocução, de pronúncia, que gagueja ou tem uma fala entrecortada⁷.

Segundo Philippe Gauthier, até então o termo *xénos* era mais utilizado no período arcaico para designar, na Grécia, o estrangeiro, e também o hóspede, como podemos ver nas relações de hospitalidade representadas nos poemas homéricos. Ele ressalta que é importante considerar que em Homero distinguem-se o mundo mítico e o mundo real. No mundo mítico, a *xenia* era praticada por todos os povos civilizados; ela era inexistente para os outros, chamados de *ágrion*: nesse caso os ciclopes e os lestrígios⁸.

Já em Heródoto, *xénos* passou a designar, no contexto helênico, o próprio grego, que habitava em outra cidade, mas que compartilhava os mesmos deuses, costumes e idioma⁹. Embora os gregos possuíssem a mesma língua, religião e costumes, esse sentimento de pertencer a um mesmo mundo era mais reforçado durante as guerras, quando as cidades formavam alianças contra um inimigo em comum¹⁰.

O termo *bárbaros*, por sua vez, era usado para designar o não grego, que não partilhava da mesma cultura e língua. A esse respeito, Hartog ressalta que “em todo caso, é entre o sexto e o quinto século a.C. que ‘bárbaro’, no sentido de não grego, forma, associado a ‘grego’, um conceito antônimo e assimétrico, acoplado um nome próprio, *Héllenes*, e uma designação genérica, *bárbaroi*.”¹¹ Até então na literatura arcaica, o termo “bárbaro” simplesmente designava o estrangeiro, sem qualquer conotação negativa ou inferior.

Com os séculos quarto e terceiro, o par antônimo gregos/bárbaros, usado primeiramente para distinguir povos estrangeiros ou não, modificou-se, e o aspecto cultural como fator preponderante passou a ser mais acentuado. Já em Heródoto a identidade grega era circunscrita por um conjunto de traços culturais (língua, religião, etc, ao lado da comunidade de sangue), mas de agora em diante a *grecidade*, termo usado por Hartog, apresenta-se como algo que se pode adquirir através da educação (*paideia*)¹².

No período helenístico, Alexandre difunde os ideais gregos, e a *grecidade* tornou-se um patrimônio literário a ser compartilhado e ensinado¹³. Posteriormente os romanos, em contato com os gregos, adotaram vários aspectos culturais destes, dentre eles este conceito de *bárbaro*. Contudo, a experiência romana com os estrangeiros foi diferente da vivência que os gregos tiveram com outros povos.

Roma, desde os primórdios e durante toda a sua história, teve contato com outros povos e os conquistou, seja no Ocidente europeu, seja no Oriente. Embora Roma partilhasse certos aspectos em comum com outras cidades do Lácio (língua, religião, costumes), existiu no período arcaico o domínio dos etruscos. Posteriormente temos a invasão dos

7 Conferir HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Tradução de Jacyntha Lins Brandão. 2 ed. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014, para maiores esclarecimentos sobre o termo bárbaro e sua evolução durante a história da Grécia.

8 GAUTHIER, Philippe. “Notes sur l`étranger et l`hospitalité en Grèce et à Rome”. *Ancient Society*, n. 4, 1973, p.5.

9 *Idem*, p.7.

10 *Idem*, p.14.

11 HARTOG, *op. cit.*, p.108.

12 *Idem*, p.127.

13 *Idem*, p.141.

gauleses e o saque de Roma no ano de 390 a.C., além da proximidade de outros inimigos que habitavam o outro lado dos Alpes, como os germanos. Roma desde cedo tivera contato com o “estrangeiro cultural”, estrangeiro esse que ela tinha contato, submetia e combatia¹⁴.

Roma lutou contra esses estrangeiros e, durante muito tempo, conseguiu sustentar as fronteiras de um vasto império, até que no século V as invasões dos povos germânicos puseram fim à civilização romana ocidental. Desta forma, o contato dos romanos com povos considerados bárbaros foi mais duradouro e profundo do que o contato que os gregos tiveram com os povos externos¹⁵.

No período arcaico romano, o termo latino usado para designar o estrangeiro era *hostis*. Isso é atestado na Lei das Doze Tábuas, de meados do século V a.C. Na Lei, *hostis* designava o estrangeiro que possuía em Roma certos direitos, e essa relação de proximidade/igualdade se aproximaria do grego *xénos*. Todos que não eram romanos, nessa época, eram chamados de *hostes*, não importa a sua origem.

Resumindo as comparações entre os termos gregos e latinos, *xénos* designava o estrangeiro grego, com o qual existia um estatuto de igualdade e relações de hospitalidade, pois partilhava dos mesmos traços culturais. No latim, *hostis*, que primeiramente designava o estrangeiro próximo que tinha certos direitos em Roma, com o tempo tornou-se sinônimo de inimigo. O termo *hospes*, então, foi usado para designar o hóspede, o estrangeiro que era bem recebido. Já no século I, Cícero e Varrão notaram essa mudança de significado de *hostis*, que passou a designar inimigo; daí temos em português o termo *hostil*¹⁶.

Embora Roma desde muito cedo tenha sido ameaçada pelos celtas, e inclusive saqueada no início do século IV a.C., o conhecimento que se tinha desse povo era muito escasso, e vinha sobretudo de fontes gregas, como veremos a seguir. Cabe aqui fazer um esclarecimento sobre os termos celta e gaulês, nas palavras do próprio César, no começo de sua obra *De Bello Gallico*: “Toda a Gália é dividida em três partes, das quais os belgas habitam uma, os aquitanos a outra, e a terceira habitam aqueles que, em sua própria língua, são chamados ‘celtas’, na nossa ‘gauleses’.” Ora, até então havia distinção entre os celtas e outros povos que habitavam a Gália. Neste artigo, contudo, vamos nos referir aos celtas como gauleses, de forma indistinta. Além disso, são nossas todas as traduções de César citadas neste artigo, que fizemos com base no texto latino estabelecido pela *Belles Lettres*¹⁷.

Após a conquista da Gália de forma definitiva sob Júlio César esse conhecimento do povo gaulês se aprofundou. O romano, até então considerado bárbaro pelo homem grego, passou a tratar como bárbaro o homem gaulês, considerado rude e ignorante¹⁸. Aos celtas, assim como a outros povos da Europa Ocidental, como os iberos, a romanização, quanto modelo de vida e costumes a serem impostos, se abateu sobre os povos conquistados. Márcio Gouvêa Júnior pontua: “dessa forma os romanos, seu modo de vida e seus valores tornavam-se o modelo a ser imposto aos bárbaros, em um lento e custoso processo imperialista de romanização das nações conquistadas”¹⁹.

14 GAUTHIER, *op. cit.*, p.14.

15 DAUGE, Y.A. *Le Barbare, recherches sur la conception romaine de la barbarie et de la civilisation*. Bruxelles: Éditions Latomus, 1981, p.18.

16 Gauthier, *op.cit.*, detalha mais a evolução do termo *hostis*, e sua relação com o termo *hospes*, no seu artigo, entre as páginas 14 e 19.

17 CÉSAR. *La Guerre des Gaules*. Texte établi et traduit par L.A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1947-1972. 2 v.

18 VEYNE, Paul. “*Humanitas*: romanos e não romanos”. In: GIARDINA, Andrea (ed.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 295.

19 JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa. “Roma et barbaries: a evolução do conceito de barbárie na antiga Roma”. *Phaos: revista de estudos clássicos*. Campinas, n.12, 2012, p.11.

Primeiros contatos entre gregos e celtas

Os gregos desde muito cedo tiveram contato com os celtas. Heródoto (1.163 e ss.)²⁰ conta a história dos emigrantes da Focea, que ao fugirem dos persas, se estabelecem no sul da França e aí fundam a cidade de Massalia (hoje Marselha), no século VI a.C. A cidade mantinha-se em constante vigilância contra os seus vizinhos celtas. Momigliano ressalta que:

“Em seu comércio, Massalia era sem dúvida auxiliada pelas outras colônias gregas ao longo das costas da França e da Espanha, que, se não pela origem, ao menos de fato eram as suas próprias subsidiárias: Nicaea, Antipolis, Rodes, Emporiae, Mainace etc. Mas é difícil avaliar o esforço de coordenação militar e social que tais postos avançados isolados devem ter exigido: tanto eram um risco quanto um auxílio.”²¹

O alfabeto grego, usado pelos habitantes da Gália, se deve à influência dos massalotas, entre os séculos III e II a.C., de acordo com inscrições celtas. Sabemos que os gauleses não deixaram nada escrito a respeito de si mesmos, e sua história e cultura apenas foi conhecida através de relatos de terceiros²². A esse respeito da falta de escrita por parte dos gauleses, César escreve, no *De Bello Gallico* (VI, 14):

“Magnum ibi numerum versuum ediscere dicuntur. Itaque annos non nulli XX in disciplina permanent. Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis priuatisque rationibus, graecis litteris utantur. Id mihi duobus de causis instituisse uidentur, quod neque in vulgum disciplinam efferrí uelint, neque eos qui discunt litteris confisos minus memoriae studere; quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant.”

Diz-se que, nisso, eles decoram um grande número de versos. Assim, alguns permanecem vinte anos educando-se. Eles não consideram lícito confiar tais preceitos à escrita – como, de ordinário, nos demais assuntos – e, nos registros públicos e privados, utilizam as letras gregas. Parecem-me tê-lo assim determinado isso por dois motivos: por não querer que seu saber passe ao vulgo, nem que aqueles que aprendem, confiando nas letras, se dediquem menos a memorizar; isso de ordinário sucede à maioria, de modo que, com o respaldo da escrita, afrouxem-se a dedicação e a memória no processo de aprendizado.

Momigliano ainda ressalta que Massalia, buscando se manter helênica e aristocrática, nunca se preocupou em explorar o interior da Gália ou transmitiu aos outros gregos qualquer conhecimento sobre os costumes dos mesmos. Ele afirma que:

“até o século II a.C. os gregos sabiam deploravelmente pouco sobre o mundo celta – e a França em particular. (...) As primeiras autoridades sobre os celtas que encontramos, Éforo e Timeu, eram típicos historiadores de gabinete. Foram pioneiros, simplesmente porque os massalotas nunca fizeram qualquer esforço para conhecer os seus vizinhos. Éforo, que escreveu os primeiros livros em torno de 350 a.C., incluiu os celtas em sua descrição de mundo.”²³

Sobre esses dois historiadores gregos temos pouco material além de fragmentos.

20 HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Phillippe Ernest LeGrand. Paris: Les Belles Lettres, 1939-1954.

21 Para maiores contatos entre os celtas e Massalia, e de como os gregos influenciaram essa nação, vide páginas 53 e ss. de MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p.53.

22 Estamos neste artigo trabalhando com fontes literárias; desta forma, não consideramos aqui o conhecimento que se tem dos celtas através de estudos realizados nos campos da História ou da Arqueologia.

23 MOMIGLIANO, *op.cit.*, p.57.

Éforo e Timeu viveram no século IV a.C. Éforo de Cumas (405 – 330 a.C.) era conhecido por ter sido aluno de Isócrates. Além da sua História, que teria 30 livros, também redigiu uma história de Cumas e tratados sobre as invenções e sobre estilo. Muito do que se sabe sobre a perdida obra de Éforo depende de Diodoro Sículo, que o teria usado como fonte. De acordo com Hartog, Éforo “pertence já a essa categoria de intelectuais polígrafos, historiadores sim, mas que trabalham a partir dos textos dos outros: compiladores.”²⁴

Quanto a Timeu, ele era de Taormina, na Sicília, em meados do século IV a.C. Sua *História* teria sido composta em 38 livros, e abordavam sobretudo a Sicília e eventos de lugares próximos, como a Líbia e a Itália. Sua importância se deveu ao fato dele ter servido de fonte para Políbio, como veremos mais detalhadamente adiante²⁵. Antes que os romanos passassem a expandir seu território para a Europa ocidental, os gregos sabiam muito pouco sobre os celtas. Massalia, que poderia ter servido como ponto de exploração do território celta, acabou se concentrando em explorar o litoral.

Todavia, os celtas não passaram despercebidos, sobretudo após o saque de Roma em 390 a.C. Durante o governo de Alexandre, o Grande, os celtas assediavam as fronteiras macedônias. Chegaram a capturar Delfos, em 278 a.C., por um curto espaço de tempo, e posteriormente se instalaram na Ásia Menor, na região conhecida como Galácia. Os próprios celtas, segundo Momigliano, teriam servido como ponto de partida para que certas cidades se organizassem de forma efetiva e, por consequência, se tornassem fortes impérios. Ele diz:

“Cada uma dessas intervenções dos celtas provava a sua importância ao produzir importantes desenvolvimentos nos sistemas políticos que atacavam. Por volta de 350 a.C. Roma surgiu como a maior potência na Itália quando os latinos, por temor aos celtas, renunciaram à sua independência. O novo reino da Macedônia, sob a autoridade firme de Antígono Gônatas, foi o resultado direto da invasão celta da Macedônia e da Grécia. A vitória sobre os gálatas consolidou o estado de Pérgamo e provavelmente forneceu a Atalo I a oportunidade certa para se declarar rei. Por fim, foi a vitória de Gnaeus Manlius Vulso sobre os gálatas em 189 a. C. que justificou a intervenção dos romanos na Ásia Menor e lhes forneceu os clientes de que necessitavam para controlar as ambições de Pérgamo. Inúteis nos ataques contra estados defendidos por falange ou legião, os celtas tinham a superioridade numérica, a coragem e a rapidez do saqueador completo.”²⁶

Políbio e Posidônio

Os gregos, durante a expansão do império romano, passaram a escrever sobre os celtas a serviço da elite romana. O primeiro grande nome a escrever mais profundamente sobre os celtas foi Políbio.

Políbio era filho de Lycortas, um importante cidadão de Megalópolis na Arcádia – com isso, teve uma educação refinada. Quando Políbio nasceu, Roma já vencia a Segunda Guerra Púnica, obtendo a hegemonia no Mediterrâneo, e começava a avançar em direção à Grécia. Os romanos, em conflitos com os monarcas helenísticos Filipe V, Perseu da Macedônia e Antíoco da Síria, passaram também a se envolver em disputas com a Liga Aqueia e Etólia²⁷.

Depois que venceram Perseu em 168 a.C., os romanos acusaram os aqueus de fomentar

24 HARTOG, *op. cit.*, p.130.

25 Para maior detalhamento de Éforo e Timeu, bem como de outros historiadores gregos do século IV e III a.C. recomendamos o capítulo “Polybius and his predecessors”, in: USHER, Stephen. *The historians of Greece and Rome*. London: Bristol Classical, 1969.

26 MOMIGLIANO, *op. cit.*, p.59 e 60.

27 Para a biografia de Políbio, bem como os outros eventos históricos narrados nos próximos dois parágrafos, utilizamos como referência o livro de USHER, *op.cit.*, p. 105 a 107.

revoltas e exigiram mil reféns de famílias proeminentes. Desta forma Políbio chegou a Roma, onde permaneceu entre 167 a 150 a.C., depois retornando à sua terra natal. Políbio mostrou aos seus captivos que não tinha envolvimento nas revoltas e conseguiu a liberdade concedida aos estrangeiros livres. Sobretudo por sua amizade com o jovem Cipião Emiliano, da proeminente família dos Cipiões, Políbio decidiu permanecer em Roma, onde ele se dedicou a escrever sobre as fontes literárias e documentais que a cidade estava obtendo com suas conquistas.

Cipião Emiliano, à frente dos exércitos da República, liderou campanhas militares na Hispânia e Políbio estava com ele em Cartago em 146 a.C., quando na Terceira Guerra Púnica a cidade caiu de forma definitiva. Além dessas viagens militares, Políbio, acompanhando Cipião, fez viagens exploratórias, visitando as colunas de Hércules (estreito de Gibraltar), navegando pela costa da Ibéria e da África e refazendo a rota dos cartagineses pelos Alpes.

Políbio foi, portanto, o primeiro grego que temos notícia a percorrer esses territórios da Europa Ocidental. Sobre a influência de Timeu em sua obra, Stephen Usher afirma que Políbio começou sua obra historiográfica a partir do ponto em que Timeu parou, e ainda dedicou boa parte do livro XII a criticar os métodos de Timeu²⁸. Infelizmente a obra de Políbio nos chegou bastante fragmentada. Momigliano afirma que:

“Políbio foi o primeiro a fazer um relato de primeira mão do interior da Espanha. Descreveu a Gália – ou ao menos a Gália meridional – de uma forma que representou uma novidade para o público grego (3.59.7). Podemos ver como utilizou o seu conhecimento para os capítulos sobre Aníbal na Gália no livro III de suas Histórias, mas o livro XXIV, em que resumia as suas descobertas, se perdeu. Quando afirmou no livro XII que, ao contrário de Timeu, se dera ao trabalho de visitar as terras dos lígures e dos gauleses, estava sendo fiel aos fatos. Mas pelo menos no livro III e no livro XII se esqueceu de dizer que as suas explorações foram possibilitadas pelos romanos e beneficiaram os romanos.”²⁹

Essas viagens empreendidas por Políbio forneceram material para as suas Histórias, originalmente compostas em 40 livros. Os cinco primeiros livros chegaram mais ou menos intactos, enquanto os outros estão fragmentados. Usher ressalta a grande inovação de Políbio, que é o fato de um autor grego usar Roma como seu principal foco, e buscar a escrita de uma genuína história universal não centrada na Grécia, como os antecessores Eforo e Timeu buscaram fazer³⁰.

Alguns anos depois de Políbio temos o historiador Posidônio de Rodas, que viveu entre os anos 135 a 51 a.C. Momigliano, a respeito de Posidônio, diz que:

“Podemos ser mais categóricos a respeito de Artemidoro de Éfeso e Posidônio de Rodas, a quem Estrabão tratou como suas fontes mais autorizadas para a Espanha e a Gália. Ambos eram embaixadores em Roma de suas próprias cidades – ou seja, eram muito bem-vindos pela classe dirigente de Roma. (...) É evidente que Artemidoro e Posidônio viajaram pela Espanha e pela Gália com o apoio das autoridades romanas.”³¹

Posidônio de Apameia era sistemático em suas descrições etnográficas e tinha talento para narrar as singularidades dos povos retratados. Posidônio ainda serviu de fonte para Estrabão e que César provavelmente o usou como referência para as suas digressões

28 *Idem*, p.104.

29 MOMIGLIANO, *op. cit.*, p.64.

30 USHER, *op. cit.*, p.108.

31 MOMIGLIANO, *op. cit.*, p.65.

etnográficas no *De Bello Gallico*³². Ainda de acordo com Momigliano, sabemos o seguinte:

“Foi Posidônio quem definiu o lugar dos druidas, dos vates e dos bardos na sociedade celta. Toda a tradição posterior praticamente depende dele. (...) Mas a sua simpatia pelos druidas, vates e bardos significa um reconhecimento autêntico da função que desempenhavam no mundo celta. Para Posidônio, os druidas eram mais importantes do que os outros dois grupos porque proporcionavam liderança, conceitos morais e religiosos e justiça.”³³

O estudo aprofundado dos celtas foi realizado pelos gregos a serviço da elite romana, durante a expansão do seu império. Ao conquistar os povos da Europa ocidental (celtas, hispanos, iberos e britânicos), Roma consolidou seu domínio e seguiu ampliando cada vez mais seu território. Foi também nessas áreas que a romanização se deu em sua forma mais cruel, com o massacre de milhares de pessoas, e a escravidão de outros tantos. Muito se fala sobre a expansão do império romano, mas muitas vezes não nos damos conta de quão violento esse processo foi. Acredita-se que, ao subjugar a Gália, César deu a cada um dos seus soldados um escravo gaulês³⁴. Sobre o genocídio dos gauleses, Luciano Canfora afirma que “a Gália, e o mundo céltico, foi dessa forma, com a violência e o genocídio, mergulhada no circuito da ‘civilização’ romana.”³⁵

Roma e os celtas: representações do gaulês no *De Bello Gallico*

O contato dos romanos com os gauleses foi bem diferente da experiência grega, como vimos anteriormente. Os romanos, embora mais próximos dos celtas, todavia recorriam aos escritores gregos para tratados de etnografia, sobretudo Políbio e Posidônio, durante os séculos II e I a.C. Pretendemos agora abordar algumas passagens no livro *De Bello Gallico* que possuem representações dos gauleses feitas pelo autor latino Júlio César, e ver como essas imagens de um povo estrangeiro foram construídas.

Escolhemos César porque, durante seus nove anos de campanha na Gália, ele penetrou em um território alheio, em um universo desconhecido e temido pelos romanos. Ele aprendeu a conhecer os diferentes graus de ferocidade (*ferocitas*), a diversidade de povos célticos e de tribos germânicas, e observou a instabilidade política e social dos gauleses, e também sua cultura e sua bravura.³⁶

É importante ressaltar aqui – ainda que de forma breve – o caráter da historiografia antiga, já que a obra de César que será objeto de estudo e de referência para esta pesquisa pertence a este gênero. A história só passa a ser considerada “ciência”, com metodologia e sistematização próprias, após o século XIX³⁷. O historiador antigo não era um pesquisador, mas sim um escritor. Isto não quer dizer que ele jamais se preocupava com a realidade dos fatos. Entretanto, as suas ferramentas de pesquisa historiográfica eram amiúde, mas não só, os relatos de autores anteriores, a persistência de uma sólida tradição oral (mitos, lendas etc.) e a veracidade dos atos e personagens.

Escrever história na Antiguidade, portanto, consistia na preocupação de conservar,

32 MOMIGLIANO, *op. cit.*, p.65.

33 *Idem*, p.67.

34 CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p.153.

35 *Idem*, p.157.

36 DAUGE, *op. cit.*, faz um grande compêndio da representação do bárbaro na literatura latina.

37 MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1981, p.108.

para a posteridade, a lembrança dos atos e feitos dos ancestrais e a iniciativa de fazer um relato literário do passado³⁸. A historiografia antiga era um gênero que abarca vários subgêneros, como o *commentarius*, que foi utilizado por César para escrever suas obras (além do *De Bello Gallico*, temos o *De Bello Ciuile*, sobre a guerra civil contra Pompeu)³⁹.

O *De Bello Gallico*, também conhecido em português como *Relato da Guerra da Gália*, foi composto por César em sete livros, nos quais se desenrola a narrativa de confrontos entre romanos e gauleses, além da geografia, costumes e cultura das tribos que habitavam essas regiões. César dedicou cada livro do *De Bello Gallico* a um ano de campanha militar. Temos, no livro I, a descrição da Gália e a narrativa das batalhas ocorridas em 58 a.C. contra os helvécios e contra Ariovisto, rei dos suevos; o livro II é sobre a campanha contra os belgas, no ano 57 a.C.; o livro III conta a campanha de César contra as cidades armoricanas (57 a.C.) e possui ainda um comentário da presença de Crasso na Aquitânia (56 a.C.). No livro IV, temos a campanha de César contra os germanos e a primeira ida de César à Britânia (55 a.C.). O livro V concentra-se na segunda ida de César à Britânia e nova campanha contra os belgas, em 54 a.C. O livro VI, além de narrar confrontos de César contra gauleses e germanos, possui uma descrição dos costumes de gauleses e germanos (53 a.C.). Essa descrição é conhecida como a “narração etnográfica” de César. O livro VII trata do levante da Gália liderado por Vercingetórige, a tomada de Lutécia, cerco e capitulação de Alésia e a rendição de Vercingetórige a César, no ano 52 a.C.⁴⁰.

O *De Bello Gallico* tem estilo claro, simples e elegante, sem grande variação no tom ou no vocabulário. O texto é ágil, conciso e essencial; não tem introdução, pois isso não faz parte do estilo de César. Ele, contudo, revolucionou o estilo do *commentarius* pela sofisticação e clareza de sua escrita. César se aproxima bastante da historiografia, dramatiza certos eventos e faz uso do discurso direto (ainda que pouco), e sempre em momentos estratégicos, mas sem banalizações ou dramatizações excessivas da narrativa ou ainda com o uso de recursos retóricos. Isto fica claro quando César opta por referir-se a si mesmo na 3ª pessoa para manter certo distanciamento: ele é apenas um dos personagens.⁴¹

De todas as máquinas de guerra utilizadas por ele, esta obra de propaganda era a mais refinada, “em um tempo em que as rivalidades políticas eram expressas em panfletos vulgares e calúnias de todo tipo”⁴². Conte também lembra que Cícero (*Brutus* 262) e Hércio (no prefácio do livro VIII do *De bello Gallico*) afirmaram que, embora os livros de César fossem escritos como *commentarius*, como possível fonte para historiadores de tempos vindouros, ninguém se atreveria a tentar reescrever o que César já tinha narrado com incomparável simplicidade. De fato, a atitude de César possivelmente teria escondido um “truque”: sob a humilde capa, o *commentarius*, como ele escreveu, se aproximou da *historia*⁴³.

Apesar de autores gregos, como Políbio, já terem escrito sobre os celtas, na verdade é de César que temos um relato mais detalhado de um contato mais profundo e duradouro com

38 *Idem*, p. 110.

39 O *commentarius* (comentário), do antecedente grego *hypomnema* (memória), consistia em narrativas provenientes de materiais sem acabamento, como anotações, relatórios etc., e era bastante utilizado por magistrados e chefes militares para informar o governo sobre suas atividades, ou ainda como rascunho para depois ser melhor desenvolvido. Os maiores exemplos deste tipo de composição são os dois livros de César. Cícero também escreveu um comentário sobre seu consulado, mas não foi publicado (CONTE, *op. cit.*, p.226).

40 Este resumo da obra de César foi baseado em CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

41 Para as afirmações feitas neste parágrafo, utilizamos como bibliografia o livro de ANDRÉ, Jean-Marie; HUS, Alain. *L'Histoire à Rome: historiens et biographes dans la littérature latine*. [s.l.]: Presses Universitaires de France, 1974, p.30 a 32.

42 MARTIN; GAILLARD, *op. cit.*, p.119.

43 CONTE, *op. cit.*, p.226.

esse povo, sendo sua obra, por isso, de grande interesse para o tema desta pesquisa⁴⁴. O que nos propomos a fazer neste artigo é justamente estudar alguns registros de César sobre os gauleses, e de como se opera essa construção da imagem de bárbaro, imagem essa que pode ser bastante complexa, já que nem sempre os bárbaros foram retratados como os “vilões”.

No tocante aos gauleses, diferem os discursos e escritos. Além da miscelânea de fontes antigas, temos ainda o preconceito de estudiosos da área, que às vezes valorizam a supremacia greco-romana em detrimento de outras culturas. Sobre esse aspecto, temos um exemplo neste trecho escrito por Perry Anderson:

“A Espanha e a Gália, e mais tarde a Nórícia, a Rétia e a Bretanha, eram terras remotas e primitivas povoadas por comunidades tribais celtas, muitas delas sem qualquer contacto histórico com o mundo clássico. A sua integração neste levantou problemas de ordem completamente diversa dos da helenização do Próximo Oriente. Tratava-se não somente de povos social e culturalmente atrasados, mas de regiões interiores, de um tipo que a Antiguidade clássica fora até então incapaz de organizar economicamente.”⁴⁵

O autor afirma acima que os povos bárbaros eram “social e culturalmente atrasados”. Na verdade, eles não eram assim tão atrasados. No livro *Roma e o seu destino*, Raymond Bloch e Jean Cousin afirmam o seguinte sobre os gauleses na época da conquista romana:

“Os Gauleses conhecem, com efeito, os processos de herança e de estremas, a venda em leilão, o dote da mulher, uma espécie de vassalidade comparável à clientela romana, até mesmo a escravidão, o arrendamento da cobrança de impostos, taxas, pesagens e postagens; os seus sistemas econômicos e sociais, que eram os que tinham servido de base aos Celtas de Hallstatt e de La Tène, servirão aos Romanos conquistadores para estabelecer sobre uma aristocracia fundiária, já em contacto com as civilizações danubiana, renana, oceânica e mediterrânea em resultado das migrações e das osmose, o seu poder e a sua propaganda.”⁴⁶

Desde a Antiguidade esses povos foram por vezes retratados como oriundos de uma categoria civilizacional “inferior” à dos romanos. A palavra *bárbaro*, que para os gregos e romanos designava os povos estrangeiros, depois se tornou sinônimo de falta de civilização, selvageria, crueldade.

Os pesquisadores Christine Delaplace e Jérôme France, a esse respeito, afirmam que a imagem do gauleês é repleta de clichês, e que os romanos, assim como os gregos, possuíam preconceitos culturais. Essa inferioridade cultural condicionava a inferioridade moral do bárbaro, sua crueldade, sua selvageria, as características primitivas de suas estruturas econômicas, sociais e políticas⁴⁷. Essa consideração geral do mundo bárbaro explica a ausência de escrúpulos e a arrogância dos romanos perante as suas províncias. Entretanto, essa veemência contra os gauleses não é encontrada com tanta força em César, que reconheceu

44 De fato, no contexto romano, Catão o Censor já tivera contato com os celtiberos em 195 a.C., quando se dirigiu para a Hispânia, a fim de estabelecer a administração romana, durante seu consulado. Momigliano, op. cit., p. 63, resume a experiência de Catão com os celtiberos e afirma que ele foi o primeiro romano a demonstrar maior interesse sobre os gauleses. Infelizmente, de toda a obra de Catão, atualmente possuímos apenas os fragmentos. Por isso consideramos César o primeiro a ter contato direto com os gauleses, já que seu relato foi mais bem preservado.

45 ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. Porto: Afrontamento, 1982. 2 ed., p.67.

46 BLOCH, Raymond; COUSIN, Jean. *Roma e o seu destino*. Lisboa: Edições Cosmos, 1964, p.234.

47 DELAPLACE, Christine; FRANCE, Jérôme. *Histoire des Gaules*. Paris: Armand Colin, 2011, p.43.

as qualidades e a capacidade dos gauleses de se adaptarem aos modelos culturais de Roma⁴⁸. César, inclusive, estabeleceu certos graus de barbárie e ferocidade entre gauleses, belgas e germanos, como veremos adiante.

Foram os gregos, em nossa zona de cultura, os primeiros a desenvolverem o conceito de *bárbaro*. Erich Gruen resume bem esse conceito de representação do outro como bárbaro, ao dizer que as imagens negativas e estereótipos ajudaram os antigos a inventar o “outro”, e assim justificar a marginalização, subordinação e exclusão de outros povos⁴⁹. Essa criação de oposição entre nações serviu como meio de estabelecer a identidade comum, a distinção e a superioridade.

Em César temos, em algumas passagens, a denominação dos gauleses e germanos como sendo “bárbaros e ferozes”⁵⁰. Nesse sentido, o bárbaro diferia do romano porque ele não tinha os valores relacionados à *humanitas*, a civilidade que se opõe à *ferocitas*, que era a crueldade primitiva⁵¹. Dauge explica que para o romano estava claro que o bárbaro não constituía uma espécie diferente, mas sim um estado inferior – seja coletivo, seja individual – mas não um estado definitivo, e sim variável⁵². O bárbaro estava sujeito à mudança e poderia evoluir: o acesso à *humanitas* era possível. De resto, o romano sabia bem que nas duas extremidades do ciclo evolutivo se encontravam formas complementares de barbárie, e que era difícil, na mobilidade do real, de ser e permanecer civilizado. Tudo se resumia ao controle dessa evolução para atingir o ponto de equilíbrio: nesse esforço consistia o ideal romano propriamente dito⁵³.

Hartog, em seu livro *O espelho de Heródoto*, define bem certos mecanismos retóricos de identificação do outro e também de si mesmo. Embora ele analise as Histórias de Heródoto, sua pesquisa sobre a retórica de alteridade também poderia estender-se a outros autores. Destacamos aqui o seguinte trecho, no qual o pesquisador francês afirma:

“Dizer o outro é enunciar-lo como diferente - é enunciar que há dois termos, a e b, e que a não é b. Por exemplo: existem gregos e não-gregos. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que a e b entram num mesmo sistema. Não se tinha antes senão uma pura e simples não-coincidência. Daí para a frente, encontramos desvios, portanto uma diferença possível de ser assinalada e significativa entre os dois termos. Por exemplo: existem gregos e bárbaros. Desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita. Começa então esse trabalho, incessante e indefinido como os das ondas quebrando na praia, que consiste em levar do outro ao próprio”.⁵⁴

Hartog afirma que “dizer o *outro* é enunciar-lo como diferente”. Desta maneira, consideramos a retórica, nesta pesquisa, como o estudo dos argumentos empregados por César para descrever os gauleses. O traço característico do bárbaro, além de cultural, também era explicado por questões geográficas. Desde Hipócrates, o ambiente de algum modo determinava a constituição física das pessoas que habitavam em áreas específicas. De acordo com essa teoria, pessoas de áreas quentes tenderiam a ser moles e lentas; por outro lado, pessoas de

48 *Idem*, p.43.

49 GRUEN, Erich S. *Rethinking the other in Antiquity*. Oxford: Princeton University Press, 2011, p.2.

50 César se referiu aos gauleses e germanos como homines feros ac barbaros (homens ferozes e bárbaros) em *De Bel. Gall.* I, 31 e 33.

51 No segundo volume de seu livro PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de historia da cultura classica*. 7. ed. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1993, Maria Helena dedica uma parte da obra para análise da *humanitas* e de outros conceitos morais e políticos dos romanos.

52 DAUGE, *op. cit.*, p.19.

53 *Idem*, p.20.

54 HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.229.

áreas frias seriam fortes e corajosas, porém estúpidas⁵⁵. César afirmou sobre os gauleses:

"His de rebus Caesar certior factus et infirmitatem Gallorum ueritus, quod sunt in consiliis capiendis mobiles et nouis plerumque rebus student, nihil his committendum existimauit. Est enim hoc Gallicae consuetudinis, uti et uiatores etiam inuitos consistere cogant et quid quisque eorum de quaque re audierit aut cognouerit quaerant et mercatores in oppidis uulgus circumstiat quibusque ex regionibus ueniant quasque ibi res cognouerint pronuntiare cogat; his rebus atque auditionibus permoti de summis saepe rebus consilia ierunt, quorum eos in uestigio paenitere necesse est, cum incertis rumoribus seruiant et plerique ad uoluntatem eorum ficta respondeant." (De Bel. Gal., IV, 5)

César, informado sobre tais assuntos e receando a leviandade dos gauleses, que são volúveis para decidir e muitas vezes se interessam por sedições, considerou que nada devia ser confiado a eles. De fato, isto é do costume gaulês: não só obrigam os constrangidos viajantes a parar, mas também procuram saber aquilo que cada um deles ouviu ou soube sobre cada coisa; o povo nas cidades rodeia os mercadores e os força a falar de quais regiões eles provem e o que ali conheceram; movidos por tais feitos e boatos, muitas vezes os gauleses tomam decisões sobre os mais importantes assuntos, das quais é forçoso que logo se arrependam, pois confiam em rumores incertos e a maior parte dos viajantes mente ao responder, segundo a vontade deles.

Sobre esse estereótipo do gaulês, Gruen ressalta que:

"Gallic stereotypes had certainly circulated well before Caesar sat down to write. Gauls were allegedly tall and muscular, immoderate drinkers, greedy, fickle, and untrustworthy, internally divided, and, though frightening in their initial attack, incapable of maintaining the offensive. All this already appeared in Polybius and much of it in Posidonius, if one can judge from the comments of Diodorus and Strabo."⁵⁶

Ann Vasaly diz que para cada cultura, o mundo fora do território natal era visto como uma série de círculos concêntricos nos quais o centro era o lugar mais civilizado e, por conseguinte, as fronteiras distantes menos civilizadas. Certamente os romanos dos tempos de Cícero consideravam habitar o centro do mundo⁵⁷.

Acreditava-se que no "centro" do mundo o clima não era tão quente nem tão frio, e isso era uma condição favorável. Através de toda essa tradição grega (que chegou a Roma via Políbio e Posidônio), César fez afirmações semelhantes. No primeiro livro do *De Bello Gallico* (I, 1), César disse:

"Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana diuidit. Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate provinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores saepe comment atque ea quae ad effeminandos animos pertinent inportant, proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt."

O rio Garona separa os gauleses dos aquitanos; dos belgas, os rios Marne e Sena. De todos esses, os mais corajosos são os belgas, pois estão muito distantes da civilização e urbanidade da província, raramente os mercadores vão até eles e importam aquelas coisas que servem para enfraquecer os espíritos, e porque estão próximos dos germanos, que habitam o outro lado do Reno, e com esses travam guerra constantemente.

55 BORCA, Federico. Luoghi, corpi, costumi: *determinismo ambientale ed etnografia antica*. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 2003, detalha bem esses conceitos em Hipócrates e outros autores da Antiguidade grego-romana.

56 GRUEN, *op. cit.*, p.141.

57 VASALY, Ann. *Representations: images of the world in Ciceronian oratory*. Los Angeles: University of California Press, 1993, p.133.

Curioso notar que em tempos antigos, a “inferioridade” dos bárbaros era explicada geograficamente pelo fato de que eles viviam nas fronteiras do mundo, e representavam o caos que poderia derrubar o império e colocar um fim à identidade cultural dos romanos. César reconheceu esse perigo:

“Paulatim autem Germanos consuescere Rhenum transire et in Galliam magnam eorum multitudinem venire populo Romano periculosum uidebat; neque sibi homines feros ac barbaros temperatos existimabat quin, cum omnem Galliam occupauissent, ut ante Cimbrum Teutonique fecissent, in provinciam exirent atque inde in Italiam contenderent, praesertim cum Sequanos a provincia nostra Rhodanus diuideret; quibus rebus quam maturime occurrendum putabat. Ipse autem Ariouistus tantos sibi spiritus, tantam adrogantiam sumpserat, ut ferendus non uideretur. (De Bel. Gal., I, 33)”

Ele via, por outro lado, que era perigoso para o povo romano que os germanos aos poucos se acostumassem a atravessar o Reno, e uma grande multidão deles viesse à Gália. Pensava consigo que tais homens ferozes e bárbaros não haveriam de evitar, tendo ocupado a Gália inteira, como antes fizeram os cimbrós e os teutões, que partissem para a província e de lá marchassem contra a Itália, sobretudo porque apenas o Ródano separava os séquanos de nossa província; César considerava que devia resolver esse inconveniente com a maior presteza.

Todavia, os bárbaros eram reconhecidos pela sua coragem, e seriam bons guerreiros por causa das adversidades climáticas que enfrentavam: a sua bravura diminuiu à medida que há uma aproximação das províncias romanas⁵⁸. Podemos ver esse conceito também no trecho abaixo, em que César comparou o nível de barbárie – e de coragem – entre gauleses e germanos:

“Ac fuit antea tempus cum Germanos Galli uirtute superarent, ultero bella inferrent, propter hominum multitudinem agrisque inopiam trans Rhenum colonias mitterent. Itaque ea quae fertilissima Germaniae sunt loca circum Hercyniam siluam, quam Eratostheni et quibusdam Graecis fama notam esse uideo, quam illi Orcyniam appellant, Volcae Tectosages occupauerunt atque ibi conederunt: quae gens ad hoc tempus his sedibus sese continet summamque habet iustitiae et bellicae laudis opinionem. Nunc, quod in eadem inopia, egestate patientiaque Germani permanent, eodem uictu et cultu corporis utuntur, Gallis autem provinciarum propinquitas et transmarinarum rerum notitia multa ad copiam atque usum largitur, paulatim adsuefacti superari multisque uicti proeliis ne se quidem ipsi cum illis uirtute comparant.” (De Bel. Gal., VI, 24)

Houve antes um tempo em que os gauleses superavam os germanos em valor, levavam-lhes por si as guerras espontaneamente e, por causa da multidão de homens e da falta de terra, enviavam colônias ao outro lado do Reno. Assim, os volcos tectosagos ocuparam aqueles lugares que são os mais férteis da Germânia, ao redor da floresta Hercínia – a qual vejo que é conhecida de Eratóstenes e de alguns Gregos pela fama, eles que a chamavam de “Orcínia”, e aí eles se estabeleceram. Esses povos, até nosso tempo, mantem-se nessas paragens e detem a mais elevada reputação de justiça e de glória bélica. Atualmente, como os germanos se conservam na mesma pobreza, privação e sofrimento, aqueles fazem uso dos mesmos viveres e dos mesmos trajes; por outro lado, a proximidade das províncias e o conhecimento dos itens de além mar propicia aos gauleses muitos meios para a fartura e a comodidade e, aos poucos acostumados a serem superados e vencidos em muitos combates, sequer se comparam eles próprios aos germanos em bravura.

Os germanos, mais distantes do “centro”, e porque enfrentavam dificuldades várias, eram considerados ainda mais bárbaros que os gauleses: estes, com o contato com os romanos, diminuíram a sua ferocidade. Desta forma, a “civilização” enfraquecia os gauleses, como César disse:

(...) quorum de natura moribusque Caesar cum quaereret, sic reperiebat: Nullum aditum esse ad eos mercatoribus; nihil pati uini reliquarumque

58 *Ibidem*, p. 146-147.

rerum ad luxuriam pertinentium inferri, quod iis rebus relanguescere animos eorum et remitti uirtutem existimarent: esse homines feros magnaque uirtutis, increpitare atque incusare reliquos Belgas, qui se populo Romano dedidissent patriamque uirtutem proiecissent; confirmare sese neque legatos missuros neque ullam condicionem pacis accepturos. (De Bel. Gal., II,15)

(...) Como César indagasse a respeito da natureza e dos costumes deles (os nêrvios), descobriu isto: que os mercadores não tinham acesso algum até eles; não permitiam que se importasse nada de vinho e dos demais itens de luxo, porque consideravam, com tais coisas, que se enfraqueciam seus espíritos e minguava seu valor; eram homens ferozes e de grande valor, censuravam e acusavam os belgas restantes, que se tinham rendido ao povo romano e abandonado os valores pátrios; e afirmavam que não haveriam de enviar embaixadores nem de aceitar condição de paz alguma.

César também fez uma descrição menos preconceituosa dos gauleses, e elogiou a forma como eles se defendiam do assédio dos romanos, que os sitiavam. Temos:

"Singulari militum nostrorum uirtuti consilia cuiusque modi Gallorum occurrebant, ut est summae genus sollertiae atque ad omnia imitanda et efficienda quae ab quoque traduntur aptissimum. Nam et laqueis falces auertebant, quas, cum destinauerant, tormentis introrsus reducebant, et aggerem cuniculos subtrahebant, eo scientius quod apud eos magna sunt ferrariae atque omne genus cuniculorum notum atque usitatum est. Totum autem murum ex omni parte turribus contabulauerant atque has coriis intexerant. Tum crebris diurnis nocturnisque eruptionibus aut aggeri ignem inferebant aut milites occupatos in opere adoriebantur et nostrarum turrium altitudinem, quantum has cotidianus agger expresserat, commissis suarum turrium malis adaequabant et apertos cuniculos praeusta et praeacuta materia et pice feruefacta et maximi ponderis saxa morabantur moenibusque adpropinquare prohibebant." (De Bel. Gal., VII, 22)

Ao singular valor dos nossos soldados opunham-se os projetos de todo tipo dos gauleses, pois são um povo de enorme habilidade e muito apto para imitar e praticar as invenções alheias. Na verdade, não só desviavam as foices com laços, as quais, tendo prendido, de novo impeliram para dentro com máquinas, mas também destruíam o terrapleno com minas, tanto mais habilmente porque dispõem de grandes jazidas de ferro, e todo tipo de minas é conhecido e utilizado por eles. Além disso, de todos os lados guarneceram o muro com torres de tábuas, e as cobriram com peles. Depois, com frequentes saídas, de dia ou de noite, quer incendiavam o terrapleno, quer atacavam os soldados ocupados nas manobras; e igualavam a altura das nossas torres, juntando os postes das suas, quanto o terrapleno a cada dia as projetara. Retardavam as minas abertas com madeira queimada e pontuda, pez fervente e pedras de enorme peso, e impediam-nos a aproximação das muralhas.

César também ressaltou a habilidade guerreira dos gauleses como meio de reforçar seu próprio sucesso militar. Apesar das grandes dificuldades da conquista da Gália e da destreza dos povos que habitavam essa região, César foi mais engenhoso e conseguiu submetê-la ao domínio romano. Contudo, de acordo com Gruen, César vai além em sua obra: "Caesar's interest in the Gauls goes beyond depiction of the foe or shaping the "Other". And the ethnography, at best, takes second place. Caesar calls attention to contexts and characteristics whereby the societies shed light each on the other."⁵⁹

Através deste artigo, intentamos resgatar alguns aspectos da representação do povo gaulês através do estudo de certas passagens escritas por César. Todavia, esse processo de conquistas não foi unilateral: apesar de os romanos terem colonizado povos diferentes, eles também adquiriram muitos dos hábitos estrangeiros (como o culto persa a Mitra, a grande influência cultural dos gregos sobre Roma, dentre outros exemplos), transformando Roma em um império multicultural, já que os estrangeiros tinham a possibilidade de conquistar a cidadania romana.

59 GRUEN, *op. cit.*, p. 150.